GIACOMINI, Sonia Maria. *A alma da festa. Família, etnicidade e projetos num clube social da Zona Norte do Rio de Janeiro – o Renascença Clube.* Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2006. 308 p.

Maria Catarina Chitolina Zanini

Como pensar, no contexto social dos anos 50, 60 e 70 do século passado, permeado por modificações tecnológicas, políticas e culturais complexas, a situação de negros com determinado capital econômico na cidade do Rio de Janeiro, então Distrito Federal? Quem eram eles? Que profissões exerciam? O que pensavam? Como se vestiam? Quais seus gostos e estilos de vida? Com quem casavam? Como namoravam? Quais locais freqüentavam? E por que?

O livro *A Alma da festa*, de Sonia Maria Giacomini, publicado em 2006, é um convite para reflexões acerca das diferentes formas de inserção do negro na sociedade nacional brasileira. Relatando a criação do Clube Renascença, na zona norte da cidade do Rio de Janeiro- RJ, nos anos 50, a autora apresenta, por meio de recortes temporais que ela denomina de *projetos*, as táticas e negociações de negros bem-sucedidos para terem direito ao que consideravam uma "boa sociabilidade", em família e também em atividades consideradas adequadas ao seu nível sócio-econômico e pessoal.[1]

O livro é fruto de pesquisa realizada nos anos de 1999 e 2000, defendida como tese de doutorado no Iuperj-RJ, em 2004. Com um breve e bonito prefácio de Roberto da Matta, a obra convida à leitura e também ao questionamento. Trata-se de um trabalho que me surpreendeu pela forma como permite ao leitor perceber o quanto um evento específico, como a criação e vida de um clube social, possibilita melhor conhecer a história da sociedade envolvente e suas formas e critérios de inclusão e exclusão social. A cada página de leitura, questionava-me sobre as condições nas quais o clube fora criado e como se sentiriam aquelas pessoas que, apesar de bem-sucedidas economicamente, como expõe a autora, não tinham opções de lazer e de sociabilidade por elas consideradas adequadas. Como classificavam aquelas atitudes de segregação sofridas e como reagiam a elas? Sem cair numa discussão acerca de racismos, a autora nos leva a viajar pelas décadas em que o clube passou por momentos distintos e em que diferentes formas de sociabilidade e de "festas" foram experimentadas, revelando, igualmente, distintas concepções de público e privado e também de "ser negro". Cada estilo de festa apresentado (as tertúlias, os bailes, as rodas de samba, o *soul)* em seus projetos, permite conhecer um pouco melhor a tessitura da questão racial no cenário carioca das décadas 50, 60 e 70 do século passado, a forma como aqueles negros negociavam suas posições e quais representações acionavam para isso. A autora se questiona como poderia

ser o clube, ao mesmo tempo, uma academia de mulatas, espaço de sociabilidade e organização do movimento negro. Questiona ela: "como era possível ser tudo isso ao mesmo tempo?" (p.16).

A obra está estruturada em capítulos que revelam os distintos projetos (recorte analítico elaborado pela autora) do clube. Tais projetos foram denominados pela autora de *Flor-de-Lis* (ou a produção da distinção), quando da criação do clube, na década de 50; *Samba e Mulata*, finais dos anos cinqüenta e sessenta, e o terceiro projeto, *Black is beautiful*, nos anos setenta. Giacomini analisa cada momento do clube como se fosse um palco com agentes, forças e dinâmicas complexas, em que categorias como gênero, família, mulher, casa, rua, corpo, estilo, liderança e identidade se transformavam e adquiriam novos significados. Dialogando com as mudanças culturas ocorridas no Brasil em cada um dos projetos, pode-se perceber o quanto a questão racial pode e deve ser estudada por meio de enfoques mais amplos, como fez a autora, sem estereotipias. Na perspectiva dos próprios agentes, havia leituras múltiplas e diversas acerca da posição do negro naqueles contextos e de como deveriam se portar frente a isso. Ou seja, os negros foram protagonistas daquele processo e souberam se posicionar nos diferentes momentos históricos, de acordo com os recursos de que dispunham, fossem econômicos, naturais, culturais ou simbólicos.

Utilizando-se de documentos escritos, jornais, entrevistas, o livro apresenta a voz dos membros do Renascença e a leitura do passado elaborada por eles mesmos, o que é, sem dúvida, uma dos elementos de que mais gostei na escrita da obra. Sabendo-se que as memórias são construções do presente sobre o passado, a autora teve o cuidado de analisar as falas na perspectiva de sua interpretação analítica dos projetos. Assim, por exemplo, a questão do corpo aparece em toda a obra como algo importante para a produção das diferentes interpretações que a autora faz de cada projeto (Flor-de-lis, Samba e Mulata e *Black is beuatiful*). Se, num primeiro momento, quando da criação do clube, uma das principais preocupações era com a aparência, como ressalta a autora, que falaria não somente das condições sociais, mas também do espírito e da moralidade (p.40), o que fazia com que os cuidados com a mesma fossem extremamente importantes, devendo traduzir um gosto de classe que os distinguiria (perante os brancos, mas não só) dos demais negros cariocas. Assim, para Giacomini, "cada gesto, assim como cada peça do vestuário ganha um valor específico" (p.37), valor este que seria negociado no cenário interativo da sociedade carioca do período. Os membros do clube, por meio de seus corpos bem vestidos e educados, positivaram-se, e a aparência deveria também "apagar o estigma da cor" (p.35). No cenário inicial da criação do clube, há também a procura por uma forma de se distinguirem claramente de seus outros:

> em primeiro lugar, os outros eram os brancos ou não negros, assim como os demais clubes que, geralmente, não aceitavam negros; em segundo lugar, os outros eram os negros (e também não negros) associados à cultura do samba e do carnaval, via de regra referidos, no espaço urbano, ao morro (p.48).

Na fase primeira, por meio das tertúlias e bailes, o clube se afirmava e se reconhecia como um espaço familiar. A família, como ressalta Giacomini, torna-se um emblema do clube e também de seus membros. Assim, os "negros de família" seriam apresentados como negros melhores, capazes de desempenhar papéis similares aos do mundo branco. Nesse início, com regras bem estabelecidas, num ambiente familiar, a mulher e o homem negros aparecem como detentores de uma boa educação, boa

aparência, capital econômico e "de família", elementos que os positivariam perante o contexto social excludente daquele período. Não seriam quaisquer negros, mas sim, distintos. Assim, pondera a autora, a família operaria como um "escudo moral", provando que os negros de família seriam especiais (p.89).

Contudo, o clube, com o passar dos anos, além de se mudar do bairro Méier para o Andaraí, altera seu estilo de fazer festas, abrindo-se ao samba e aos concursos de *Misses*. O corpo novamente se revela categoria importante nessa fase denominada pela autora de "Samba e Mulata", assumindo a função de idealizador de uma imagem da mulher negra em que se constataria "certo equilíbrio entre a valorização estética, social, profissional e moral" (p.131). Já nos anos 60 e 70, começam as mudanças de compreensão acerca do que seriam as festas. O samba e os concursos de *misses* seriam, assim, divisores de águas na trajetória do clube. O corpo das mulatas tenderia a ser mais sexualizado, em que a "figura focal é a mulher negra/mulata, sedutora do homem branco" (p.264). As rodas de samba teriam possibilitado, como relatam os antigos sócios, uma "invasão" (p.149), e o clube deixaria de ser aquele ambiente tão familiar e distintivo. Mais importante no aspecto de vivências internas do clube é o que as falas dos membros revelam, ou seja, que nesse período houve também transformações nas relações entre homens e mulheres no interior do clube, e isso marcou a ponto de se tornarem aspectos importantes de serem narrados à pesquisadora.

A década de 70 marcaria a era *soul*, da vestimenta à *shaft,* em que "o clube nunca mais seria o mesmo" (p.191). É a fase da expressão da negritude, no que a autora denomina do projeto "*Black is beautiful*". A aparência é algo que teve muita importância naquele momento de expressão do "orgulho negro", do cabelo *Black power*, da roupa estilizada e produzida em sintonia com o modelo norte-americano. Contudo, no interior do clube, as rodas de samba e os bailes *soul* disputaram espaço e simpatias. Não há consensos acerca das compreensões de negritude nem mesmo de qual seria, naquele momento, a identidade do clube. Há, igualmente, acusações acerca de uma negritude importada dos norte-americanos e de uma negritude nacional. Entendo que essas disputas por representações distintas foram importantes, pois permitiram aos indivíduos refletirem acerca de seus pertencimentos e sobre a forma como os compreendiam e o manifestavam, por mais díspares que fossem.

Em suma, trata-se de um estudo bem elaborado, escrito em sintonia com a perspectiva analítica da autora e seu recorte dos projetos (Flor-de-lis, Samba e Mulata e *Black is beautiful*), que permite ao leitor conhecer, em cada momento (projeto), as disputas entre os agentes, suas representações e compreensões acerca de qual identidade o clube e seus membros deveriam ter e quais objetivos almejavam com tais posturas. As vozes dos membros do clube presentes no livro é, também, outro ponto positivo, pois possibilitam ao leitor ser, ele também, um intérprete daqueles ditos e daqueles acontecimentos. De início um clube de família que se abre, a fim de positivar a imagem do negro (e da mulher negra), passa por ciclos distintos, até abrir-se à juventude negra da cidade (p.265), tendo um importante papel na divulgação e vivência de uma "consciência negra" no Rio de Janeiro urbano. Como ressalta a autora, o terceiro projeto, *Black is Beautiful*, quebra com a dicotomia existente anteriormente entre corpo e alma, em que a alma seria sempre branca e o negro, "sempre corpo", tornando corpo e alma indissociáveis (p.266). O corpo negro seria um corpo protesto e "a festa celebra essa alma corporificada e esse corpo espiritualizado" (p.266).

Enfim, trata-se de uma obra muito importante no sentido de analisar o universo ainda

pouco conhecido das classes médias negras no Brasil e suas trajetórias. Para os estudiosos da "questão racial" brasileira, é leitura necessária, com certeza.

Notas

[1] De acordo com Giacomini, o clube teria, em sua fundação, no dia 17/02/1951 29 sócios, sendo 11 homens e 18 mulheres. Ele foi fundado como "clube social, recreativo, cultural e esportivo" (2006, p.28).

autora **Maria Catarina Chitolina Zanini**
Professora adjunta do Instituto de Sociologia e Política/UFSM
Doutora em Ciência Social (Antropologia Social)/USP

Recebida em 13/02/2009
Aceita para publicação em 27/11/2009